



PSICANÁLISE

Antonio Sapienza

Reflexões
teórico-clínicas
em Psicanálise

Blucher

REFLEXÕES TEÓRICO-CLÍNICAS EM PSICANÁLISE

Antonio Sapienza

Organizadoras

Ana Cláudia Nasser Dorça Teixeira

Ana Maria Maurício da Rocha Pinotti

Cristina Maria Kurkdjian

Maria Adelaide Tavares de Oliva Avancine

Miriam Moreira Brambilla Altimari

Reflexões teórico-clínicas em Psicanálise

© 2016 Antonio Sapienza

Ana Cláudia Nasser Dorça Teixeira, Ana Maria Maurício da Rocha Pinotti,
Cristina Maria Kurkdjian, Maria Adelaide Tavares de Oliva Avancine,
Miriam Moreira Brambilla Altimari (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Édipo e a Esfinge (pormenor) (1808-25), óleo sobre tela, 189 x 144 cm, Museu do Louvre, Jean-Auguste Dominique Ingres (1780-1867).

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sapienza, Antonio
Reflexões teórico-clínicas em psicanálise /
Antonio Sapienza; organização de Miriam
Moreira Brambilla Altimari... [et al.] –
São Paulo: Blucher, 2016.
464 p.

ISBN 978-85-212-1094-8

1. Psicanálise I. Título II. Altimari, Miriam
Moreira Brambilla

16-0827

CDD 150.195

Índices para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Prefácio	13
Sapienza, mestre e artífice da Psicanálise	19
1. Contribuição ao estudo psicanalítico da depressão psicótica	23
2. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental	71
3. Mudança catastrófica	103
4. Uma leitura psicanalítica de Bion: cinco tópicos clínicos	131
5. Compaixão e verdade	145
6. Os dois princípios do funcionamento mental	153
7. Psicanálise: realidade interna e realidade externa	185
8. Aprendizagem da experiência emocional na sessão analítica: trabalho de sonho alfa (<i>dream-work-α</i>)	201

9. Fotogramas de experiências emocionais do cotidiano e reflexões psicanalíticas	219
10. O trabalho de sonho alfa do psicanalista na sessão: intuição-atenção-interpretação	229
11. Compaixão, tolerância à frustração e capacidade de pensar na experiência emocional da sessão analítica	241
12. Reflexões clínicas sobre uso e manutenção das funções psicanalíticas	253
13. Propondo reflexões a partir de uma seleção de anotações e recortes sobre textos de Bion	273
14. Transitoriedade, tolerância a incertezas e fertilidade	291
15. Reflexões clínicas psicanalíticas sobre a memória-sonho	299
16. Confluências e controvérsias: uma ou mais psicanálises?	313
17. Capacidade de pensar ansiedades traumáticas na experiência psicanalítica	323
18. O arqueólogo da mente	335
19. Psicanálise e estética: ressignificação de conflitos psicóticos e reciprocidade criativa	349
20. Breves reflexões de um psicanalista sobre <i>A morte do caixeiro viajante</i>	369
21. Achados – ideias – problemas	377

22. Função alfa: ansiedade catastrófica – pânico – continente com <i>rêverie</i>	385
23. Reflexões psicanalíticas sobre tantalização de vínculos	395
24. Destinos do místico e de suas obras	407
25. Reflexões psicanalíticas sobre “Bion em São Paulo”	423
Posfácio: como tirar proveito de um bom negócio	439
Posfácio: convite à leitura	445

1. Contribuição ao estudo psicanalítico da depressão psicótica¹

*Pedi eu, ó Criador, que do barro
Me fizesses homem? Pedi para que
Me arrancasses das trevas?*

John Milton (*O paraíso perdido*, Livro X, p. 743-745)

I

Nessa comunicação, abordarei a instalação de sentimentos de solidão, inexistência, vazio e desespero observados em um analisando que venho acompanhando há cerca de dois anos. Procurarei correlacionar a emergência desses sentimentos com os fatores

¹ Sapienza, Antonio. *Contribuição ao estudo psicanalítico da depressão psicótica*. São Paulo: SBPSP, 1977. 42 p. (Trabalho apresentado à SBPSP para admissão como membro associado. Anexo, comentários de Judith Andreucci). Lo: WS54.

da personalidade do analisando, que puderam ser apreendidos dentro da experiência analítica. Privilegiei as vicissitudes do vínculo analítico bipessoal como eixo fundamental de observação, buscando correlacionar suas mudanças com as ansiedades do analisando e a elaboração das mesmas dentro do trabalho psicanalítico.

Passo a apresentar um esboço de caracterização do analisando, destacando sintomas, sentimentos e ansiedades prevalentes que o motivaram a procurar uma ajuda analítica, em razão do fracasso dos métodos utilizados pelo mesmo no lidar com seus temores.

Mostra-se intensamente assustado e perseguido, vivendo como uma pessoa apossada, solitário, carregado de desconfianças. Seu estado é de um contínuo sobressalto e desespero, temendo uma constante ameaça de repentinamente não saber mais quem é. Tem a impressão aflitiva de estar desperdiçando a própria vida, com profunda amargura e insatisfação em relação a si mesmo. Predominam a seu próprio respeito ideias de estar arruinado internamente e de ser portador de uma crueldade maligna, capaz de corromper quem dele se aproximar.

Insônia atormentadora o incomoda há muitos anos; tenta adormecer e não consegue. Nessas ocasiões, parece-lhe estar oco por dentro, tendendo a entrar em um crescente estado de pânico; então, a fim de poder descansar, começa a ingerir bebidas alcoólicas, procurando atordoar-se até conseguir a abolição da consciência de si mesmo e afastar seu estado de terror. Preocupa-se com a crescente ingestão de álcool, no sentido de poder destruir sua produtividade intelectual e profissional.

Em outras ocasiões, estando só, é assaltado por um progressivo mal-estar que o sufoca, acompanhado da sensação de que pode ficar paralisado e sem vida. Necessita, então, sair bruscamente de

casa e procurar indiscriminadamente algum homem, que, através de um rápido contato sexual, lhe devolva o sentimento de que continua vivo.

A alienação de si mesmo, pelo uso do álcool, e a atividade homossexual promíscua constituem soluções paliativas, que afastam temporariamente seu estado de solidão e terror interno. Tais métodos acompanham-se de outras ameaças à sua estabilidade mental, física e social.

Seu estado de pânico quase permanente dá ao encontro analítico um sentido de resolução urgente e decisiva entre a vida e a morte, dentro de uma prontidão de socorros imediatos, que dá uma alternância sucessiva de momentos de intensa esperança e, logo a seguir, de profundos desencantos, dentro da mesma sessão. O relacionamento com o analista é extremamente instável, sendo frequentes bruscos silêncios e afastamentos hostis, geralmente não verbalizados, a que se seguem tênues e cautelosas reaproximações.

Em um nível macroscópico, o desenvolvimento do trabalho analítico é perturbado por sucessivas interrupções advindas de atrasos e de ausências às sessões, que somente são comunicadas após consumadas. O ritmo de sua frequência às sessões analíticas é descontínuo e irregular.

Gradativamente, um fenômeno foi-me chamando a atenção no decorrer de sua análise: havia momentos de silêncio que bruscamente interrompiam o diálogo analítico, em que o analisando entrava em um estado de inércia e progressiva sonolência. Essa separação carregada de hostilidade e ressentimentos ocorria, geralmente, após intervenções de minha parte que assinalavam aspectos de sua personalidade, vivenciados como desvantajosos. A par dessa intensa raiva, que determinava uma explosiva ruptura

do relacionamento do analisando com o analista, mostrava-se nesses momentos extremamente confuso, com perturbações da atenção e da memória, perdendo *insight* recém-conquistado, com sentimentos de estranheza em relação a si mesmo, sem discriminar claramente passado, presente e futuro. Esses hiatos fragmentam o sentido de um existir real dentro de uma continuidade temporal (40).

Esse quadro, em que predominam raiva e pânico, é dominado e regido por ansiedades paranoides, sendo seguido por um estado de extremas desolação, tristeza e impotência dolorosa pela destrutividade fantástica onipotente dirigida ao analista e a si mesmo (30) e que não pôde conter. Postas em relevo essas desconexões violentas do analisando com o analista e consigo mesmo, passei a pesquisar no material clínico quais os fatores da personalidade do analisando que comandam os ataques destrutivos dirigidos ao vínculo com o analista e que se voltam também contra funções egoicas do analisando, levando-o a um estado de imobilização psíquica e encapsulamento desvitalizador.

Valendo-se de sua experiência clínica com crianças psicóticas, Frances Tustin (48) assinala, juntamente com Margaret Mahler (39), que a *depressão psicótica* se manifesta como um estado de profundo desgosto e luto interno, estruturado em bases de uma relação primária, entre o bebê e a mãe, de natureza trágica e infeliz. Com pormenores clínicos e comentários extremamente sugestivos e enriquecedores, descreve seu trabalho analítico com um menino autista de três anos e sete meses, que vivenciava esse estado interno como equivalente a um “buraco preto”.

Tustin destaca as contribuições de Winnicott em que o mesmo atribui à *falha da primeira situação contensora* a origem da depressão psicótica. Nos primórdios da infância, a criança seria contida psicologicamente em suas ansiedades e desejos na medida em

que ocorresse uma coincidência entre seus padrões internos inatos e as ações que, em razão deles, ela espera do ambiente. A mãe coloca o seio real onde e no momento exato em que a criança está pronta a criá-lo. Dessa forma, a mãe e o bebê, o mamilo (ou a mamadeira) e a língua juntam-se no esforço de produzir e de confirmar uma ilusão de relação contínua, que é muito importante ser repetidamente vivenciada durante a infância primitiva. Para Winnicott, a depressão psicótica se instala quando a separação acontece antes que a criança tenha atingido uma fase de desenvolvimento psicológico que lhe permita fazer face à perda sem destruir parte de si mesma. Supõe Winnicott que se essa separação, envolvendo a perda da ilusão de continuidade dentro do relacionamento bebê-mãe, ocorresse meses mais tarde, teria uma consequência relacionada à perda do objeto e não à perda de uma parte do sujeito. Na depressão psicótica, haveria a perda da representação psicológica que o bebê tem de sua boca, pelo sentido de separação prematura desencadeado pelo distanciamento da mãe (ou de seu substituto), acarretando graves consequências psicológicas. Essa depressão primitiva tem papel decisivo na parada do desenvolvimento emocional das crianças psicóticas. Tustin correlaciona-a a denominações diversas encontradas em vários autores: Bion denomina-a de “catástrofe psicológica”; Balint usa o termo “falha básica”; alguns analistas junguianos chamam essa depressão psicótica de “o sítio da mágoa crítica” ou “o núcleo da mágoa”.

Ancorada em sua experiência analítica com adultos limítrofes e psicóticos, Judith Andreucci, em sucessivos trabalhos (2, 3, 4, 5), assinala os elementos psicodinâmicos subjacentes a uma configuração que denomina *depressão basal*. Andreucci destaca a existência de situações arcaicas, em que predominam a inorganização e o perigo constante da dispersão total da personalidade. A ameaça constante é dada pela perspectiva do nada e do não ser, sendo a imobilidade utilizada como defesa máxima contra o terror do ani-

quilamento total. Realça a inter-relação de dois fatores que mantêm a estruturação desse campo: a violência dos impulsos da criança e a inadequação da mãe como continente adequado, com suficiente capacidade de *rêverie*. As perturbações na relação primária continente-conteúdo formam a base de graves distúrbios no processo de desenvolvimento e de integração do ego, que se acompanham de distúrbios da capacidade de pensar.

Essas angústias catastróficas, ocorridas desde o início da vida emocional do bebê na sua interação com a mãe, mobilizam a organização de um sistema rígido de defesas psicóticas, que, segundo Bick (6), estruturam a formação de uma “segunda pele”, dentro da qual a dependência do objeto é substituída por uma pseudoindependência, mediante o uso inapropriado de certas funções mentais, criando um continente substituto, no qual o bebê tenta viver, gozando de uma ilusória e onipotente autossuficiência.

II

O ovo de um pássaro, contendo em si toda a matéria nutritiva necessária ao embrião e para o qual os cuidados maternos estão limitados à administração de calor, oferece-nos exemplo claro de um sistema psíquico fechado aos estímulos do mundo externo e capaz de satisfazer, autisticamente, até suas necessidades alimentares.

Sigmund Freud, “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, 1911

Proponho, como hipótese de trabalho, a existência de uma atividade mental que se opõe francamente à vida de relação do sujeito com objetos vivos e autônomos. Seus objetivos são os de alcançar uma autossuficiência isolacionista, desencadeando, para tais fins, violentos ataques ao próprio *self* e aos objetos, acarretando conse-

quência dessa destrutividade dirigida ao próprio sujeito e a seus objetos, um estado depressivo com intenso colorido paranoide.

À custa da quebra fragmentadora dos vínculos objetivos internos e externos, o sujeito cria um estado de vácuo interno, no qual fica abolida a consciência de si mesmo e de suas emoções, assemelhando-se à experiência descrita sob o nome de Nirvana.² Esse estado vem acompanhado de uma sensação de terror que parece estar conectada à dispersão dos fragmentos da própria personalidade, após a realização dos ataques de natureza homicida-suicida, que acarretam a perda do continente.

Profundos sentimentos de ódio à realidade interna e externa, alimentados por arrogância e inveja, comandam o uso de mecanismos específicos, chamados *mecanismos de manutenção* por Mahler (39), que procuram construir e solidificar uma barragem maciça de estímulos alucinatorios negativos entre o indivíduo e a realidade externa, a fim de que essa mesma realidade externa, desempenhada na situação analítica pelo analista, não tenha representação no mundo interno do indivíduo.

A violência desvitalizadora desses mecanismos separatistas é acionada por uma onipotência fantástica: a) a fragmentação maciça e expulsão projetiva (*splitting-off*) do *self* e dos objetos trazem como consequência a perda dos vínculos objetivos e o terror do aniquilamento pela dispersão estilhaçante da própria personalidade; b) os impulsos instintivos tendem a ser suprimidos arrogantemente

² Wing-Tsit Chan, em sua terminologia budista, exposta nas páginas 91-110 da *Encyclopedia of Religion* (Ed. Vergilius Ferm, 1959), apresenta como *acepção mais geral de Nirvana* o apagar-se da pessoa como o de uma lâmparina, sendo atingida a iluminação por meio da extinção de todos os desejos. O sujeito busca atingir um estado de permanência, livre de desejos, acima da vida e da morte, transcendente a quaisquer subjetividade e objetividade, numa extinção das paixões, substituindo o sofrimento pela beatitude.

a fim de ser mantida uma pretensa independência do mundo externo, acarretando a destruição das bases da própria vida emocional em suas raízes, na extinção dos impulsos sexuais, agressivos e libidinosos, que requerem a existência de vida objetal; c) instala-se, ainda, uma negação paralisadora de qualquer movimento emocional que possa acarretar modificações nesse estado de quase esvaziamento de vida psíquica.

Com o emprego desses mecanismos, o indivíduo tenta manter-se dentro de um sistema encapsulado e onipotente, dentro do qual está também imobilizado, prisioneiro de uma robotização, em que procura destruir qualquer manifestação de vida emocional própria e alheia. Sentimentos de solidão, vazio, tédio e esmagamento sufocante acompanham essa profunda carência de conhecimentos verdadeiros e de amor, mantendo uma crescente avidez de relacionamento pessoal, que não é satisfeita pelos contatos com seres inanimados ou com seres humanos coisificados. Por outro lado, os altos níveis de ansiedade determinam uma intolerância à frustração, tornando os vínculos sobrecarregados de possessividade, ciúmes e desejos de controle onipotente do objeto, com o que os relacionamentos humanos tendem a ser instáveis e dificilmente satisfatórios, pelas exigências de uma compreensão perfeita, sucedendo-se explosões que levam a bruscos movimentos de retração e isolamento. Dessa maneira, é reforçada uma estruturação narcísica da personalidade, hipersensível e melindrosa.

A prevalência desse dinamismo psíquico tende a levar o indivíduo ao nada, à solidão e ao não ser, com sucessivas experiências de relacionamentos insatisfatórios, crescente compreensão do próprio ser, mutilação da capacidade de conhecer e de amar, com um quase esmagamento da vida psíquica.

Correlacionarei essa hipótese de trabalho com teorias psicanalíticas dispostas em cinco subgrupos.

A

Dentro do ponto de vista metapsicológico freudiano, o conceito de narcisismo secundário (19) é útil para explicar as bruscas e repetidas retrações da libido objetal e a aplicação desta ao *self*. No entanto, o estado clínico de quase letargia que se acompanha de nítidas perturbações de funções do ego e de concomitante perda de representação do *self* (16) não é suficientemente explicado pela operatividade do narcisismo secundário. Penso que existe um componente narcísico de natureza destrutiva a comandar esse processo, que vai além de um simples retorno da libido, aplicada até então a objetos externos, para objetos interiorizados, como chega a postular Melanie Klein (31), ao afastar a existência de evidência clínica do *narcisismo primário*. Acredito que a observação clínica de fenômenos semelhantes à quase extinção de vida psíquica determina uma revisão a respeito de importantes aspectos metapsicológicos do narcisismo, com implicações de natureza teórica e técnica, dentro do trabalho psicanalítico.

B

Ao reformular sua teoria dos instintos, em *Além do princípio do prazer*, Freud (20) retoma a expressão proposta por Barbara Low e enuncia o *princípio de Nirvana* como uma tendência que governa o psiquismo e que visa à redução, à constância e à supressão da tensão de excitação interna.

Em “Problema econômico do masoquismo”, Freud (21) sublinha que o princípio de Nirvana expressa a tendência do organismo ao *impulso de morte*. Em “Mal-estar na cultura”, Freud (22) realça mais uma vez a importância do *conflito básico* entre os *impulsos de vida e de morte*.

Através da prevalência do princípio de Nirvana, ocorreria a busca de um *estado psíquico próximo ao zero*, na tentativa de reduzir

ao mínimo possível qualquer quantidade de excitação de origem externa ou interna (37).

C

Klein (32) amplia as postulações de Freud a respeito do *instinto de morte*, procurando dar-lhes *dimensões clínicas*. Ao focalizar a vida de relação objetal, que, a seu ver, existe desde o nascimento, graças a um ego rudimentar, Klein (31) acentua a importância dos *ataques fantásticos de natureza sádica* dirigidos *pele bebê ao seio*. Essa deflexão da agressividade contra o objeto primário constitui o modo fundamental de o bebê lidar com a *ameaça de aniquilamento* contra o seu ego primitivo, durante a posição esquizoparanoide.

A prevalência da *inveja primária* e da *voracidade* tendem a obstruir a introjeção do seio bom, de que depende a estruturação e o desenvolvimento do ego. Dessa forma, o ego se mantém frágil e sujeito cada vez mais à intensificação de processos desintegrativos. Aumentando as ansiedades persecutórias, a agressividade se exacerba e os ataques destrutivos ao objeto se incrementam (31).

Klein assinala que a intensificação da ansiedade paranoide, a par de promover um aumento dos ataques dirigidos ao objeto determinando uma perda destrutiva e contínua do objeto bom, amplia o uso dos mecanismos de *splitting* os quais, associados à identificação projetiva (31), empobrecem e esvaziam cada vez mais o psiquismo do ego.

Dentro do referencial kleiniano (33) (34), podem ser destacados dois fatores da personalidade que interagem e tendem a obstruir o desenvolvimento mental, pelo reforço da manutenção do sujeito dentro da posição esquizoparanoide: a) *inveja primária excessiva*, que fragmenta violentamente o objeto bom, impossibilitando adequada introjeção do mesmo, com o que falta um núcleo

coeso, em torno do qual o ego possa se organizar; b) *intolerância à frustração*, somada à *gula*, torna ainda mais difícil a existência de momentos gratificantes, com o que os níveis de ansiedade persecutória sobem e se intensificam os mecanismos de fragmentação maciça e expulsão projetiva que destroem *self e objeto*. Essa situação básica torna difícil a entrada do sujeito na *posição depressiva*, uma vez que é constantemente solapado o reconhecimento da existência autônoma do objeto total.

D

Bion (8b) enumera quatro características da personalidade psicótica: 1) a preponderância de impulsos destrutivos tão grande, que ainda o impulso para amar é sobrepujado e convertido em sadismo; 2) um ódio da realidade interna e externa que se estende a tudo o que possa despertar consciência desta; 3) o pânico de aniquilamento iminente; 4) a formação de relação objetal prematura e precipitada, frágil e tenaz, derivada do conflito nunca decidido entre os instintos de vida e de morte.

Bion mostra como essas qualidades se combinam e levam a fragmentações mínimas da personalidade, particularmente do aparelho de tomar consciência da realidade. Essa fragmentação da personalidade vem acompanhada pela expulsão dispersiva dos fragmentos da personalidade em objetos externos, trazendo graves consequências para o sujeito em sua vida de relação objetal.

Ao comentar o artigo de Freud, “Neurose e psicose” (1924), Bion (8b) destaca uma *cisão básica do ego* na instauração do princípio da realidade: a) dentro da personalidade não psicótica, o ego é leal à realidade e suprime uma parte do *Id*; b) na personalidade psicótica, o ego está a serviço do *Id* e se retira de uma parte da realidade. Mostra que, em graus diversos, há coexistência entre o princípio do prazer e da realidade; de modo que o ego nunca se

retira completamente da realidade, existindo uma personalidade não psicótica paralela e obscurecida pela personalidade psicótica.

Bion chama a atenção a respeito do papel da arrogância (8c) como um fator importante da personalidade psicótica, na obstrução do desenvolvimento mental e na destruição das possibilidades de aprendizagem a partir da experiência emocional no relacionamento com outra personalidade (9).

Em “Desenvolvimento do pensamento esquizofrênico” (1955), Bion (8a) mostra que a personalidade psicótica progride da posição esquizoparanoide para a posição depressiva de um modo diferente da personalidade não psicótica, em razão da *fragmentação primária*, pelo uso de identificações projetivas maciças, dirigida principalmente contra o aparelho de tomar consciência da realidade.

Em “Alucinação”, Bion (1958), Bion (8d) destaca que, nas proximidades da posição depressiva, ocorre uma *fragmentação secundária*, com um *splitting* maciço, que atinge o *self* e os objetos, determinando uma volta à posição esquizoparanoide com intenso colorido depressivo paranoide, dentro de uma relação objetal que tem uma configuração homicida-suicida.

Em “Ataques ao vínculo” (1959), Bion (8e) mostra a importância da ação de um *superego severo e perseguidor do ego*, cujas ameaças tornam ainda mais incapacitada a personalidade psicótica para poder enfrentar a posição depressiva e os desenvolvimentos que dela dependem.

Nas conclusões de “Ataques ao vínculo”, Bion destaca o papel do *narcisismo primário*, na manutenção do *ódio à emoção* por parte da personalidade psicótica. A emoção é demasiadamente intensa para ser contida na mente imatura e, na medida em que dá

realidade a objetos que não são o *self*, acaba por hostilizar o narcisismo primário. Assim, a emoção passa a ser destruída porquanto é sentida como *vínculo entre objetos*.

Em “Mudança catastrófica” (1966), Bion (12d) acentua a atuação de um *establishment* que se opõe a modificações impostas pelo princípio da realidade. Cada vez que a relação continente-conteúdo enfrenta uma situação de mudança e crescimento, existe uma violenta explosão do vínculo comandada pela personalidade psicótica, que, por meio de uma *inveja ilimitada*, não suporta uma ideia nova e procura esterilizar e desvitalizar as possibilidades de evolução mental.

Em “A medicina como modelo” (12a), Bion utiliza o estado de choque cirúrgico como um modelo biológico para procurar compreender a experiência emocional do *espaço mental psicótico*. Sublinha que, assim como no estado de choque ocorre, pela brusca dilatação dos capilares, um aumento do espaço pelo qual pode circular o sangue, de tal modo que o paciente sofre um dessangramento em seu próprio corpo; assim também, na *catástrofe psicótica*, há uma *projeção explosiva do espaço mental*, de tal ordem que o paciente sente que suas emoções são drenadas e se perdem em um *espaço infinito*.

E

Green (23) assinala que a ação do narcisismo primário leva a um *apagamento (effacement)* da representação do objeto no mundo interno. O desinvestimento radical da libido objetal, pelo despojamento dos vínculos externos e internos, eclipsa a vida psíquica, acompanhando-se da criação de um vácuo interno, revelador do desabamento do psiquismo, dentro de um movimento denominado por Green de *neantification*, onde é buscada a situação próxima ao zero.

Examinada do ponto de vista regressivo, essa situação de quase extermínio da vida psíquica e da busca de um estado de inércia corresponderia a uma volta à primeira etapa da fase oral da organização da libido, descrita por Abraham (1), que é de *natureza autoerótica*, isenta de inibições instintivas, com ausência de uma real relação objetal.

Green acentua como o narcisismo primário expressa uma aspiração por uma totalidade autossuficiente e imortal, dentro de um suceder de *autogeração, morte e negação da morte*.

Em seminários clínicos desenvolvidos em São Paulo, em 1976, Green assinala em suas considerações a respeito da *psicose branca* de que modo subjaz à estrutura narcísica, em sua busca da abolição das tensões a nível zero, a procura da própria *morte psíquica*.

III

E Freud continua comprovando, em mais de um lugar, esse fenômeno estranho do desaparecimento da imagem, por assim dizer, como se uma “limpeza” tivesse ocorrido. Mas foi necessário para isto a mediação do objeto, que é o analista, o acontecimento produzido pela associação livre na conjuntura da situação analítica, transformando-se como estrutura na relação de transferência. Esta produção de afeto e essa limpeza fazem pensar nessa luz vinda de estrelas longínquas, que quando nos chega depois de seu trajeto pelo espaço, no entanto já deixou de brilhar, pois seu astro está morto; disto a situação psicanalítica produz a figura invertida.

André Green, A concepção psicanalítica do afeto, 1973

Apresentarei o material clínico sob a forma de fragmentos de quatro sessões analíticas, que serão respectivamente denominadas

A, B, C e D. Após cada *flash* clínico, tecerei comentários sucintos apontando os movimentos afetivos e os fatores da personalidade do analisando que puderam ser captados no relacionamento analítico bipessoal e que se conectam com o destino do vínculo do analisando com o analista e da relação do analisando consigo mesmo. São destacadas, nesses comentários, as consequências do uso dos mecanismos de defesa mais frequentemente postos em ação pelo analisando, com o intuito de garantir a sobrevivência de seu ego.

Os comentários aqui apresentados não pretendem elaborar uma análise exaustiva de outros importantes aspectos e problemas sugeridos pelo material clínico, como a estrutura edipiana do analisando e as perturbações de sua identidade; portanto, eles assim aparecem em nome da clareza e da brevidade expositiva.

(1) *Sessão A*

Seguem-se dois trechos de uma sessão ocorrida nos primeiros meses de análise e os correspondentes comentários.

Fragmento A1

Ao entrar na sala, o analisando mostra-se extremamente pálido. Numa fala hesitante e sobressaltada, diz ter sentido muito medo de vir para a sessão de análise e deitar-se no divã. Compara a situação analítica a uma vivência assustadora de sua infância, quando sua mãe o conduziu a um hospital para se submeter a uma intervenção cirúrgica, ocasião em que suas amígdalas foram extirpadas à força, violentamente, sem o seu consentimento. Tal operação ocorreu sob a ação de anestesia, dada de um modo abrupto. Desde então, passou a ter horror de ficar sob o efeito de anestésicos, evitando, até hoje, passar nas proximidades de hospitais. Tem muito medo de cirurgia, em especial quando executadas por mulheres cirurgiãs. Diz ainda, sob a forma de queixa, que seu pai não estava presente, em razão de estar ocupado com encargos profissionais.

Assinalo ao analisando que seus sofrimentos descritos correm por conta de fatos que conhece e que estes parecem servir de veículo para expressar o quanto está assustado hoje, pelo exame de sua intimidade no relacionamento analítico comigo. Mostro-lhe, ainda, que seus temores resultam de suas construções fantásticas, quando transforma a situação analítica em uma relação de violência invasora, em que figura como vítima e, dessa forma, procura tornar-me seu carrasco.

Comentários a respeito do fragmento A1

O analisando expressa de que modo sente a aproximação entre duas pessoas: uma, no caso o analisando, é dominada e penetrada invasivamente por outra pessoa, o analista, configurando as bases de uma relação sadomasoquista.

Seu medo de anestesia parece expressar os seus temores e a sua tendência a entrar em um estado de torpor e desvitalização, qual um zumbi. Esse estado de morto-vivo (43), em que perde a consciência da realidade interna e externa, reproduz-se ativamente na situação de ingestão de álcool, quando chega ao pré-coma, numa dramatização de sua própria morte e desaparecimento (28).

Esse material pode ainda permitir, como conjectura, um esboço da estrutura edipiana do analisando, chamando a atenção à instabilidade do relacionamento com seus pais internalizados, onde surge uma figura materna dominadora, que o quer subjogado e sem vida própria, e uma figura paterna distante e ausente.

Fragmento A2

Após uma observação do analista a respeito do desamparo que subjaz à sua fachada de sabe-tudo, e estando próximo o término da sessão, o analisando refere que, na madrugada de hoje,

quando caminhava por uma rua solitária, deparou bruscamente com um bêbado que perseguia e molestava duas mulheres que caminhavam ternamente de braços dados, como se fossem mãe e filha. Ironicamente, diz que pareciam “duas pombinhas” que se dirigiam para casa. Com muito esforço e paciência, conseguiu acalmar o bêbado, chamando-o à ordem e aconselhando-o a ir dormir e a deixar as mulheres em paz.

Comentários a respeito do fragmento A2

Nessa sequência, o estilo de comunicação do analisando é onírico, assemelhando-se ao conteúdo latente de um sonho, cujo conteúdo manifesto conecta-se à experiência emocional que se desenvolve no momento em sua relação com o analista. Através do mesmo, o analisando parece representar a aliança terapêutica como a união de duas pessoas do mesmo sexo (mãe-filha), que pode ser alvo de ataques invasivos e depreciativos provenientes da intrusão da personalidade psicótica, ávida e confusa (bêbado); manifesta também seus esforços de conter esses movimentos invasivos pelo emprego de outros aspectos mais sadios de sua personalidade, que correspondem à personalidade não psicótica.

Há também indícios de ressentimento, proveniente de inveja desvalorizadora, pela zombaria depreciativa que surge deslocada do relacionamento com o analista, em sua ironia dirigida às mulheres unidas, que pareciam duas “pombinhas”. Esses sentimentos, nesse contexto, possibilitam configurar uma situação de estrutura objetal básica: um menino, enciumado por uma relação de muita aproximação e carinho entre mãe e filha, afasta-se com hostilidade e ressentimento, passando a ingerir avidamente álcool por despeito vingativo (44c). Nesse mesmo sentido, podem ser encontrados também esboços dos alicerces de suas atitudes paranoides e de zombaria em relação às mulheres de sua intimidade (44a).

Nesse *flash*, surgem ainda referências ao seu estado de insônia e solidão, quando, inquieto, começa a vagar pelas madrugadas, desorientado, à procura de uma companhia que preencha o seu vazio interior e que, por avidez, ciúmes, desespero e indiscriminação, vem a sexualizar. Nesses momentos, ocorrem os episódios de encontros sexuais promíscuos, com práticas de felação seguidas de coito anal. Aí, predominam ansiedades confusionais acompanhadas de confusão de zonas erógenas e de objetos eróticos, em que são equacionados boca e ânus, seio e pênis (41a).

Aqui, pode ser percebido ainda um apelo ao analista para que o ajude a poder conter suas evasões malabarísticas, provenientes de um falso *self* (50), as quais encobrem profundas angústias de isolamento, catástrofes psíquicas e ignorância de si mesmo.

Sua solidão apavorante é criada por ataques onde predominam sentimentos de ciúmes e inveja, que desferiu e que desferiu contra os objetos de seu mundo interno; é importante destacar que esse material se relaciona ao estímulo advindo da percepção do término da sessão. Consequente a seus ataques advindos de seus desejos de exclusividade na relação com o analista e, como pano de fundo, com o seio, instala-se uma perseguição voraz, que o impulsiona a procurar de um modo alucinado, nas madrugadas sombrias, objetos transmissores de vida (pênis idealizado) para protegê-lo de seu pânico aterrorizador. Rosenfeld (44a) mostra como o afastamento hostil do objeto primário, em razão de inveja e voracidade, vem acompanhado da idealização do pênis.

(2) Sessão B

Trata-se de um trecho da primeira sessão da semana, ocorrida alguns meses após a sessão A. Nesse período, são frequentes seus atrasos e as faltas; essas somente são comunicadas ao analista após consumadas.

Fragmento B

O analisando chega atrasado cerca de dez minutos e, ainda no corredor, que fica entre a sala de espera e a sala de análise, põe-se a perguntar em altos brados se o analista está presente. Fico em silêncio e o aguardo na sala.

O analisando acaba por entrar e me cumprimenta cabisbaixo. Arroja-se ao divã, como quem vai dar uma cambalhota. Numa fala torrencial, despeja uma descrição sobre si mesmo como sendo uma pessoa excêntrica e encantadora, que desperta admiração e impacto. As pessoas o veem como um personagem fabuloso, um misto de poeta e de louco, capaz de chocar e escandalizar qualquer pessoa.

Abordo o seu atraso e a sua hesitação ocorrida pouco antes de entrar na sala de análise, apontando suas suspeitas a meu respeito como possível impedimento de poder aproximar-se. Rapidamente, o analisando responde que julgava que o analista pudesse estar na sala de análise com outra pessoa, talvez com uma “mulherzinha” interessante.

Comentários a respeito do fragmento B

Assinalo sucessivamente os principais fatores afetivos relacionados à perda do vínculo com o analista, no decorrer do fim de semana, e que interferem no reencontro analítico, levando o analisando a se atrasar.

- a. Sua *intolerância à frustração* o impede de poder discriminar, nesse momento, sua fantasia da realidade externa. Toma sua produção mental, em que o analista está entretido com uma mulher que ocupa seu lugar, como uma verdade incontestável, apresentando então esse pensamento alucinado (8d).

- b. Essa transformação em alucinose (11) revela seus temores e desconfianças paranoides de ter o seu lugar preenchido por uma mulher, numa expressão de *ciúmes possessivo* em relação ao analista. Manifesta também o teor fantástico onipotente com que tende a viver o fim de semana analítico: dentro de um contexto de cena primária.
- c. Essa transformação expressa, ainda, seus ataques à receptividade do analista, pela *inveja* e *hostilidade* do analisando em relação à *autonomia do analista*. À inveja soma-se uma intensa *voracidade* que o torna desejoso de um relacionamento contínuo, desencadeando-se uma profunda irritação e raiva pelas interrupções impostas pelo princípio da realidade.
- d. Sua *arrogância* o faz sentir-se em enorme desvantagem quando se dá conta de necessitar de outra pessoa, num determinado espaço e tempo, fora de suas programações onipotentes, a fim de poder ter análise.
- e. Dentro de sua *fantasia de tudo poder ser*, o analisando tenta apresentar-se jocosamente como um desejável e interessante personagem, capaz de rivalizar com a fantástica mulher que o exclui da relação com o analista. Teatraliza seus desejos alucinatorios de poder ser também uma mulher e, hostilmente, transforma o analista em uma pessoa indigna de sua confiança e que pode atraí-lo, corrompendo-o e abusando de seus aspectos femininos (29b). Em outro nível, o analisando fantasia a relação com o analista configurada numa identificação projetiva com um objeto de seu mundo interno que tem as características da *figura dos pais combinados* (29a), dentro de uma *intencionalidade sadomasoquista* de perverter a transferência (42).

- f. Os ataques internos denegridores dirigidos ao analista provocam sentimentos de *culpa de natureza persecutória* (25), dos quais tenta se desvencilhar masoquisticamente, mutilando a sessão analítica e aproximando-se para ter, em lugar da análise, um relacionamento fantástica e onipotentemente pervertido.
- g. Procura manipular onipotentemente o analista, colocando-o qual uma marionete em uma situação de impacto e de fascínio a seu respeito, *negando* o seu estado de *carência de análise*. Winnicott (51) refere-se aos ataques fantásticos destrutivos dirigidos pelo sujeito ao objeto real. Acentua a importância de o analista poder sobreviver aos mesmos, não se vingando, a fim de poder situar-se claramente fora da área em que os mecanismos projetivos operam, isto é, no mundo exterior, para que o mesmo analisando possa adquirir a capacidade de poder contar com um *objeto constante*.
- h. Sua *gula* é exacerbada por rivalidade, ciúmes e inveja, no seu confronto com essa *imago dos pais combinados*, dentro de uma *sexualidade voraz*, e que passa a vivenciar na situação transferencial com o analista, dentro de uma vivência paranoica, que Rosenfeld (1974) denomina *psicose transferencial*.
- i. A interação desse conjunto de fatores afetivos, dentro de uma fantasia onipotente, leva ao *despojamento do analista*, em seu mundo interno, permitindo traçar linhas de compreensão das bases de suas ansiedades persecutórias, que determinam sua *extrema solidão* (36).

(3) Sessão C

São apresentadas três sequências de uma sessão ocorrida algumas semanas após a sessão B.

Fragmento C1

O analisando chega com um atraso de aproximadamente vinte minutos, cumprimenta-me e deita-se no divã, ficando alguns instantes em silêncio. Comenta que hoje tudo parece estar contra si e que ficou aprisionado em um congestionamento de trânsito, durante meia hora. Além disso, quando foi retirar o seu carro da garagem, foi chamado pelo zelador do prédio, que lhe entregou algumas cartas e contas de água e luz, com o que se retardou mais ainda. A seguir, refere que o zelador o procurou à noite em seu apartamento para entregar-lhe essa correspondência e não o encontrou. Tinha saído. Acaba por se declarar o único culpado de seu atraso.

Digo-lhe que a sua aflição está determinada não apenas por seu atraso quanto ao início da sessão, mas ser também uma resultante de seus desejos de autossuficiência, que se opõem às suas necessidades de precisar cuidar-se e de estar mais prontamente comigo na sessão.

Comentários a respeito do fragmento C1

Na versão apresentada pelo analisando, aparece um conjunto de justificativas apoiadas em fatos externos para explicar o seu atraso. Procura colocar o analista no papel de um administrador implacável, comportando-se como um penitente assustado. Em razão do uso dessa *identificação projetiva* no analista, cria para si mesmo uma falsa liberdade e fica desfalcado também de capacidades egoicas de poder administrar-se, onde está incluída a responsabilidade por sua pontualidade, que procura passar para o analista. Nesse desvencilhamento projetivo de *partes do superego e do ego*, ocorre um empobrecimento de seu *self* (31).

A intervenção do analista visa a abertura de um exame da realidade interna implicada em seu atraso. A *negação* dessa mesma

realidade (31) é determinante do afastamento do analisando do encontro fundamental consigo mesmo.

A conjugação desses dois mecanismos maníacos, identificação projetiva e negação, apoiados por um suporte de onipotência fantástica, acaba determinando a *angústia claustrofóbica*, referida pelo analisando, deslocada para a situação de incapacidade de permanecer só em sua casa à noite.

Esse *flash* mostra seu *relacionamento precipitado* (8b) em que tende a engolfar-se com o analista, perdendo sua diferenciação individual, desfalcando-se de partes do *self*, encerrando-se em um *vínculo parasitário* (12b), despejando seus conteúdos angustiantes para dentro do analista.

Fragmento C2

Comento o seu estado de abandono e isolamento camuflado pela fachada de todo-poderoso. Diante dessa intervenção, o analisando responde que se lembrou agora de um sonho que teve nessa madrugada e que o deixou muito aflito. Via-se num lugar estranho e sombrio, onde existia uma multidão de crianças mutiladas e desfiguradas, trajando roupas esfarrapadas; algumas pareciam leprosas e evitavam ser vistas e tocadas; caminhavam de um modo desordenado. Junto a essas crianças havia uma mulher grávida, que parecia estar próxima ao momento do parto e que vinha sendo acompanhada por uma outra mulher vestida de preto, que se assemelhava a uma irmã de caridade. Subitamente, na hora de maior urgência e precisão para a parturiente, a freira some, muda suas roupas e sai a cavalgar elegantemente pelo mundo afora, como uma dama de alto luxo, deixando a parturiente abandonada. Nesse momento, enraivecido, saiu a perseguir essa dama aristocrática e somente sossegar quando conseguiu encurralar essa dama em um espaço estreito, entre um bonde e um carro; acabou por

derrubá-la do cavalo e, segurando-a pelos pés, passou a arrastá-la, fazendo-a bater seguidamente sua cabeça contra as pedras do chão.

Mostro-lhe a mutilação dos seus aspectos mais carentes de atenção e cuidados, em razão de suas suspeitas e ataques de inveja destrutiva que faz à minha receptividade e ao trabalho criativo desenvolvido em análise por nós dois.

Comentários a respeito do fragmento C2

Esse sonho emerge na sessão como uma síntese das relações mais profundas do analisando consigo mesmo, revelando movimentos afetivos básicos do analisando na relação transferencial:

- a. A *vergonha* por sintomas que vivencia como estigma social (homossexualidade), a qual encobre uma *onipotente vaidade*, que o conduz a rejeitar suas necessidades mais profundas de cuidados mentais por parte de outra pessoa, ficando abandonado por si mesmo.
- b. A percepção de que, nos momentos de maior urgência de atendimento e de busca esperançosa de transformações (gestação e parto), tem-se deixado embalar pela falsa afirmação de quem se fez sozinho, *autogerando-se* (3), sem precisar contar com a ajuda de ninguém. Essa ostentação de um personagem mítico fabuloso tem sido mutilante para os seus aspectos necessitados de desenvolvimento (crianças esfarrapadas e leprosas), que, negligenciados, acabam por provocar *muitas confusões* (dores de cabeça), *arrependimentos tardios* e *raiva suicida*.
- c. A movimentação dessas crianças desfiguradas caminhando de um modo desorientado num lugar sombrio revela elementos de um *desastre interno* antigo e renovado, de características

trágicas, e a respeito do qual o analisando tem sérias *dúvidas de poder conhecer e reparar*. Bion (8c), (10) assinala que a reconstrução do mundo interno, em que surgem dispersos, no desenvolver da análise, elementos de uma tríade constituída por *curiosidade, arrogância e estupidez*, acaba por apontar para um *desastre arqueológico* de que, cedo ou tarde o analista terá de ocupar-se.

Fragmento C3

Ao comunicar-lhe o término da sessão, verifico que o analisando ergue-se lentamente do divã, põe-se de pé com grande dificuldade motora e despede-se. Ao sair da sala, meio cambaleante, quase bate contra a moldura da porta.

Comentários a respeito do fragmento C3

- a. Mostra, ao ser anunciado o fim da sessão, um caminhar titubeante e desorientado, semelhante ao arrastar-se lento das crianças abandonadas e maltrapilhas do sonho referido em outro momento da sessão. Esse *flash* mostra um aspecto trágico do analisando, que está sempre atrasado em seus encontros mais significativos, preparando-se frustrações: chega tarde e, quando necessita ficar mais tempo, seu horário de sessão está esgotado.
- b. Sua *intolerância à separação* pode ser entendida em diversos níveis de significado. Na medida em que transforma a comunicação do final de sessão em uma ordem de ser mandado embora, reavivam-se antigos ressentimentos, que ampliam sua *incapacidade de poder ficar só* (49), numa convivência consigo mesmo. A separação desperta-lhe hostilidade em razão de seus desejos de exclusividade e perpetuidade no relacionamento com o analista, dentro de uma *situação simbiótica*

(41b), pondo em evidência sua dependência de um objeto continente com a função de um equivalente psíquico de “pele” (6) que mantenha unido seu *self*. Meltzer (41b) assinala que um *fracasso muito precoce* da experiência da criança quanto à *função de holding* deixa um defeito residual na integração básica do *self*, com excessiva dependência de um objeto externo que ajude a *manter unido o self*, garantindo-lhe um sentido de identidade. A separação, pela ausência do equivalente psíquico dessa “pele”, ocasiona, segundo Meltzer, um desmoronamento, com incapacidade para pensar, perturbações na postura e na mobilidade, assim como também desordens neurovegetativas.

Sessão D

São apresentados três fragmentos de uma sessão ocorrida meses após a sessão C. Como dado mais imediato, o analisando faltara à sessão anterior.

Fragmento D1

Ao entrar na sala, dentro do horário estabelecido, cumprimenta o analista. Sua fisionomia é carrancuda e contraída, tem um ar de desconfiança e amargura. Deita-se no divã e diz que não pôde vir à sessão do dia anterior, porque estava sob o efeito de uma bebida, que tomara na noite precedente, só conseguindo acordar muito tempo depois da sessão. Sentiu muita raiva de si mesmo por ter perdido, além da sessão, uma parte do seu trabalho profissional.

A seguir, comunica algo de muito estranho ter-lhe ocorrido ao entrar na sala de análise: sentiu um cheiro de perfume suave no ambiente, notando, em meu rosto, um sorriso de pouco caso. Diz ter visto uma moça muito elegante e bonita sair da sala de análise. (Tratava-se da primeira hora de meu atendimento analítico nesse dia e nenhuma outra pessoa o precedera na sala de análise). Atribui

meu sorriso ao fato de eu estar ainda satisfeito com a moça que se foi, chateando-me com sua chegada.

Gaguejando, prossegue dizendo que, há pouco, ao se referir à sua ausência na sessão passada, não sabia precisar qual dia da semana seria o da presente sessão; como se dentro de si houvesse um desejo de que a sessão do dia anterior fosse a de três dias após, com o que também evitaria estar tendo a sessão atual. Numa fala atônita, murmura: “que confusão!”.

Digo-lhe notar nele um intenso constrangimento, não só porque se mostra confuso, mas principalmente pelo fato de eu presenciar parte de sua confusão, quando tem tanto orgulho da sua lógica formal.

Apresento-lhe minha versão a respeito das razões pelas quais dá ao sorriso, que observou em meu rosto, um significado de amolação depreciativa a seu respeito: “é um modo de tentar diminuir e eliminar os seus sentimentos de perda por ausentar-se da sessão do dia anterior e poder criar para si mesmo a ideia de que, faltando, nada perde, ou melhor, até lucra, de vez que se livra de um analisista transformado dentro de si em uma pessoa desatenta e sem plena receptividade”.

O analisando diz que tudo isso o faz pensar na sessão do início da semana, quando, estando comigo, sentia haver hostilidade por parte de uma outra pessoa ausente; como, quando era criança, ao perceber seus pais separados e distantes, após uma briga, tentava consolar um deles, na tentativa de reaproximá-los, e era logo alvo dos ciúmes hostis do outro e vice-versa.

Após um breve silêncio, insiste na profunda raiva que teve da moça que viu sair da sala de análise; compara sua reação à que apresentava quando criança ao deparar com seu pai dando toda

atenção à sua irmã e deixando-o de lado. Diz que essa ligação entre seu pai e sua irmã não passava de um jogo de sedução, no qual somente levava desvantagens porque sua irmã era mais charmosa. Até hoje, a chama ironicamente de “a queridinha do papai”.

Digo-lhe que eu penso que ele não sabe quem teria saído da sala de análise, precedendo-o, e que toma detalhes, como o meu sorriso e o perfume no ambiente, e constrói uma pequena história a servir de veículo para manifestar outras razões do seu afastamento na sessão anterior: “a sua busca de exclusividade e a sua tentativa de ser o preferido junto a mim levam-no a recriar uma rival, que acabou por colocá-lo fora da sessão ontem, ameaçando-o do mesmo destino ainda hoje”.

Comentários a respeito do fragmento D1

O analisando comunica um pensamento alucinatório (8d), em que se destaca o ciúmes, que o leva a acusar o analista de traição e desatenção rejeitadora. Essa produção mental tende avidamente a preencher o espaço da mente do analisando destinado à experiência analítica, saturando-o e destruindo-o (11).

Sua comunicação é fragmentada e confusa, manifestando uma erupção de *violentos ciúmes*, com um tom basal de ansiedade paranoide, onde se sente ridicularizado pelo analista, introduzindo no *setting* uma rival fantasmagórica, por meio de impressões colhidas pela visão de um sorriso e pelo cheiro de um perfume. Esse fragmento permite captar a *intrusão obstrutora da personalidade psicótica*, que ataca o relacionamento entre o analisando e o analista (8b); mostra ainda como a partir de identificações projetivas, retomadas a partir da observação de movimentos fisionômicos do analista, o analisando procura dar às suas suspeitas um *revestimento lógico e racional*, a fim de fazê-las coerentes com a realidade externa.

Meltzer (41c) conecta os *ciúmes delirantes* com o problema dos “bebês-internos” descrito na obra de Klein e ilustrado em grande parte do material das sessões iniciais de *Relato del psicoanálisis de un niño*; Buenos Aires, Paidós, 1961, principalmente nos desenhos do fundo do mar com os bebês-estrelas-do-mar. Surgiria como uma consequência de experiências precoces de *voyeurismo onipotente e de inveja ao coito dos pais*, fantasiado pelo lactante dominado por impulsos sádico-orais, como um banquete ao qual os “bebês-externos” não estão convidados, enquanto que os “bebês-internos” o estão.

Fragmento D2

Após alguns instantes de silêncio, o analisando diz que o que lhe acabo de comunicar faz muito sentido. Faço-lhe uma observação a respeito de que ao acreditar nas acusações de traição, tratamento injusto e desconsiderador por sua pessoa, eu fico transformado em sua mente em um sedutor e um farsante, o que lhe provoca medo de ser contra-atacado por mim, pela culpa de transformar um relacionamento de cordialidade de minha parte em uma situação de abuso sexual.

O analisando passa a manifestar pequenos abalos musculares generalizados, acompanhados de retesamento muscular, extrema sudorese e palidez. Fica em silêncio enquanto ocorrem esses movimentos musculares. Chamo-lhe a atenção a respeito desses sobressaltos musculares, que se seguiram à minha fala.

O analisando diz que esses abalos pretendem comunicar que o que lhe disse atinge-o profundamente e ganha intensa ressonância dentro de si.

Comentários a respeito do fragmento D2

A *erotização do vínculo* com o analista provém dos sentimentos de possessividade e gula do analisando. Klein (33) assinala a

genitalização fantástica da relação do bebê com o seio materno como uma defesa ao ódio e à tendência a atacar o primeiro objeto de amor do bebê e a determinar seu afastamento hostil. Essa instabilidade da integração *self*-objeto primário é dominada por temores de engolfamento, penetração invasiva e avidez destruidora, constituindo, por seu caráter paranoide e confusional desdiferenciador, um dos determinantes da insegurança do sujeito com os relacionamentos objetais sucessivos.

A situação analítica desperta-lhe muita ansiedade por ter sua teoria de relacionamentos cruéis, onde prevalece o *sadismo*, posta em confronto (8b). Sua ausência à sessão pode garantir-lhe a irrefutabilidade dessas construções mentais, em que o analista é transformado em um sedutor e trapaceiro. Inúmeros trabalhos analíticos (15), (26), e (38) destacam o uso de identificações projetivas a fim de inocular crueldade e sadismo, para perverter o vínculo analítico.

Nesse fragmento, a verbalização do analisando, após o analista chamar-lhe a atenção para os abalos musculares, parece constituir mais uma racionalização a encobrir um estado crescente de ansiedade paranoide e de desmoraonamento interno, que ocorre em um nível pré-verbal, próximo ao estado de *terror-sem-nome* (9).

Em outras sessões, surgiram outros elementos sensoriais concomitantes aos abalos musculares e palidez, tais como sufocação respiratória, sensação de paralisia e temor de morte iminente.

Esse fragmento permite ainda observar a utilização que o analisando faz de seu *corpo como um sistema-tampão* (14) frente a ansiedades terroríficas, na tentativa de buscar preservar sua mente.

Fragmento D3

Assinalo ao analisando que está sendo possível conversar sobre suas fantasias de levar-me a procurá-lo seduzir sexualmente, sem que as mesmas se concretizem em ato, o que constitui uma prova de que a publicação das mesmas não tem um poder de controle sobre a minha mente.

Novamente, o analisando diz que concorda plenamente com o que lhe comunico; estranha porém que não se lembra de como iniciou-se a sessão, nem como a mesma se desenvolveu, sentindo-se incapaz de reconstituí-la como um todo, desde o seu começo.

Comentários a respeito do fragmento D3

A observação sobre os *limites da onipotência fantástica* do analisando provoca no mesmo uma *ferida narcísica*, através da qual há um suceder de rupturas explosivas, que fragmentam sua atenção, memória, poder de síntese, desencadeando-se uma *hemorragia narcísica* (27a), com escoamento e dispersão da experiência emocional até então possível de ser pensada no trabalho analítico. Dentro desse contexto, a *despersonalização* pode ser compreendida como uma defesa contra ansiedades paranoides e depressivas insuportáveis (25).

O desencadeamento progressivo de violência, comandada por inveja destrutiva ao objeto-analista-continente, atinge o próprio analisando. Dentro de um *confronto de superioridade* com o analista, há um sistemático ataque a mudanças internas, em que se arrasa, atacando o trabalho desenvolvido com o analista.

A imobilização surge como resultante de uma *relação* de natureza *suicida-homicida*, comandada por arrogância e inveja destrutiva, em razão da *destrutividade narcísica* (45).

IV

Transcendendo o mundo psicótico, parece existir uma inteligência e estranha intuição e arte que funcionam em termos completamente desconhecidos e incompreensíveis para o nosso mundo lógico racional. Esta inteligência, fortalecendo os vértices do mundo psicótico, captando perigos imperceptíveis para a razão, organiza e comanda as defesas psicóticas, no sentido que considera a solução mais adequada para evitar a destruição total.

Judith T. C. Andreucci, “Considerações sobre a análise de uma personalidade psicótica”, 1976

O presente estudo examina a deflagração do quadro depressivo psicótico, tal como pôde ser captado no trabalho analítico. Tomando como ponto de referência o exame do vínculo analisando-analista, verifica-se que a ruptura desse mesmo vínculo vem acompanhada de manifestações denunciadoras de um processo destrutivo, que se estende de um modo explosivo a funções do ego do analisando.

O comando desses ataques destrutivos é realizado por fatores da personalidade psicótica, principalmente inveja e arrogância, que, somados à avidez de tudo saber e poder, configuram os *aspectos onipotentes destrutivos do self*, que Rosenfeld (45) denomina *mad self*.

A fragmentação e a expulsão dispersiva da própria personalidade, a supressão arrogante das emoções e a imobilização paralisadora da vida psíquica oferecem uma promessa de falsa paz e beatitude, dentro de um estado que se assemelha ao de *Nirvana* (45).

O curso do trabalho analítico mostra-se irregular e instável, extremamente oscilante, com momentos de vazio correspondentes à entrada do analisando num estado de *encapsulamento despojador*.

A *raiva explosiva* que atinge o vínculo analítico é suscitada por confrontos com o analista, como um *objeto externo real e necessário*, que põe em risco o sistema de uma *ilusória autossuficiência*, onde prevalecem mecanismos de *controle onipotente dos objetos*.

À explosão hostil segue-se um estado de crescente *susto e pânico* do analisando, pois, explodindo fantasticamente o continente-analista, e estando perseguido por temores de natureza retaliativa, não encontra abrigo nem em si mesmo, pelos ataques que atingem também os aspectos construtivos de seu *self*. Dentro desse contexto, o trabalho analítico assemelha-se à *função de grupo de trabalho* que é interpenetrada pelo *suposto básico de luta-e-fuga* (7), pelo caráter de estado de guerra permanente que a personalidade psicótica mantém com o mundo externo.

Os sentimentos de culpa e as ansiedades depressivas, em razão da prevalência das ansiedades persecutórias e dos mecanismos de *splitting-off*, tendem a ficar dispersos e distantes da consciência do analisando, sendo forçados por identificação projetiva nos objetos externos e, na situação de análise, no analista. Klein (35) acentua o uso da *fragmentação do ego*, acompanhada por *despersonalização* e *ansiedades confusionais*, como defesa para impedir a percepção dolorosa da própria destrutividade que o sujeito dirige ao *self* e ao objeto.

Com o *self* fragmentado e com a perda do objeto bom, resta ao sujeito uma escolha entre duas alternativas: a) o nada, com a queda num vácuo, dentro de um encapsulamento narcísico, unido à crescente sensação de terror de aniquilamento; ou b) procura caótica, compulsiva e desesperada de um objeto, mau ou idealizado, para agarrar-se a fim de evitar a perda radical da própria realidade psíquica, o desabamento interno e a destruição dos vínculos com os objetos externos e internos.

Nesse sentido, é importante ressaltar a função da *aliança psicopática* como uma defesa contra o colapso mental completo (“psicose branca”); no equilíbrio psicopático, são buscados objetos apropriados, a fim de não despertar a inveja destrutiva, que propiciem funcionar como depositários de identificações projetivas exitosas dos aspectos indesejáveis do próprio *self* (13).

O analisando, em atividade narcísica primária destrutiva, formula continuamente *afirmações tipo -A e -C* (12c), estando em conflito com os objetivos da própria atividade psicanalítica, que procura alcançar uma progressiva aproximação do conhecimento de verdades psíquicas.

O analista atenderá cuidadosamente ao emprego das defesas maníacas, com as quais o analisando procura despistar astuciosamente a abordagem de desastres primitivos, já sucedidos e que se repetem. Ferrão (17) chama a atenção a respeito da função de camuflagem desempenhada pelas defesas maníacas, com as quais o analisando procura entreter o analista a lidar com o falso *self*.

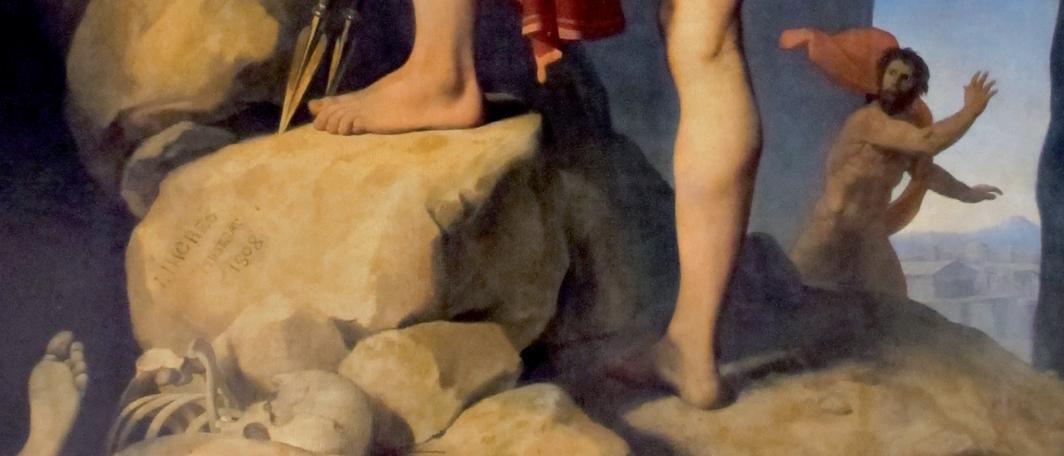
Nessas circunstâncias, o trabalho psicanalítico pode ser comparado à *desativação paulatina de núcleos explosivos*, que contêm angústias catastróficas e relações objetais arcaicas, prenhes de violência emocional, não abarcadas pelo pensamento e aguardando eventual elaboração. Tais núcleos explosivos podem ser aproximados ao modelo proposto por Segal (47), quando se refere ao *bolsão esquizofrênico*, continente de resíduos de experiências prevalentes da posição esquizoparanoide, e que fica em estado de potencialidade invasiva ameaçadora do restante da personalidade, dando três amplas possibilidades ao desenvolvimento mental do indivíduo: a) encapsulamento e inibição do desenvolvimento mental; b) invasão e eclosão psicótica pela inundação emocional de conteúdos primitivos catastróficos; c) elaboração paciente, através de um trabalho

mental progressivo, permitindo ampliar a capacidade de pensar, de tolerar conhecimentos verdadeiros e possibilitar uma convivência menos atormentada do sujeito consigo mesmo.

Paciência, segurança, capacidade de pensar a experiência emocional com o analisando, dedicação, arte e ciência são exigidas e postas continuamente à prova na abordagem de um *sistema que tende para o fechamento em si mesmo* e no qual, como em todo sistema fechado, a entropia cresce.

Bibliografia

1. Abraham, Karl (1924) - “Un breve estudio de la evolución de la libido, considerada a la luz de los trastornos mentales”, in *Psicoanálisis Clínico*, pág. 377, Ed. Hormé - B. Aires, 1959.
2. Andreucci, Judith T.C. (1968) - “Considerações sobre a Dinâmica de Campo em Regressões Severas de Pacientes Limitrofes e Psicóticos no Processo Analítico”. *Rev. Bras. de Psicanálise*, Vol. II, nº 2, pág. 219-230.
3. Andreucci, Judith T.C. (1969) - “O Pré-Verbal sob o Verbal”. *Rev. Bras. de Psicanálise*, Vol. II, nº 4, pág. 565-574.
4. Andreucci, Judith T.C. (1969) - “Contribuição Para o Estudo de Situações Arcaicas Vivenciadas na Situação Analítica”. *Rev. Bras. de Psicanálise*, Vol. III, nº 3/4, pág. 312-340.
5. Andreucci, Judith T.C. (1976) - “Considerações sobre a Análise de uma Personalidade Psicótica”. *Rev. Bras. de Psicanálise*, Vol. X, nº 2, pág. 297-312.
6. Bick, Esther (1967) - “La Experiencia de la Piel en las Tempranas Relaciones de Objeto”. *Rev. Uruguaya de Psicoanálisis*, Tomo XI, nº 2, pág. 167-172, 1969.
7. Bion, W.R. (1952) - “Una Revisión de la Dinâmica de Grupo”, in *Nuevas Direcciones en Psicoanálisis* - 19: pag. 433-457, Paidós, B. Aires, 1965.



Este livro contém uma coletânea de artigos escritos pelo renomado psicanalista Dr. Antonio Sapienza. O leitor encontrará um autor com refinada capacidade intuitiva e elaborativa e um psicanalista apaixonado pela apreensão e transmissão da Psicanálise. Sapienza nutre-se diariamente de conhecimentos de literatura, arte, música, filosofia, poesia e as utiliza em seu labor. Oferece-nos uma escrita fértil e fertilizadora, estimulando a busca constante de um saber insaturado. Admirador e estudioso da inquietante obra de Bion, é respeitado na comunidade científica brasileira como um profícuo pensador da Psicanálise. Esperamos que a leitura dos textos deste livro permita aprendizagem de experiência emocional, gerando crescimento mental e cultivo de otimismo realista.

PSICANÁLISE

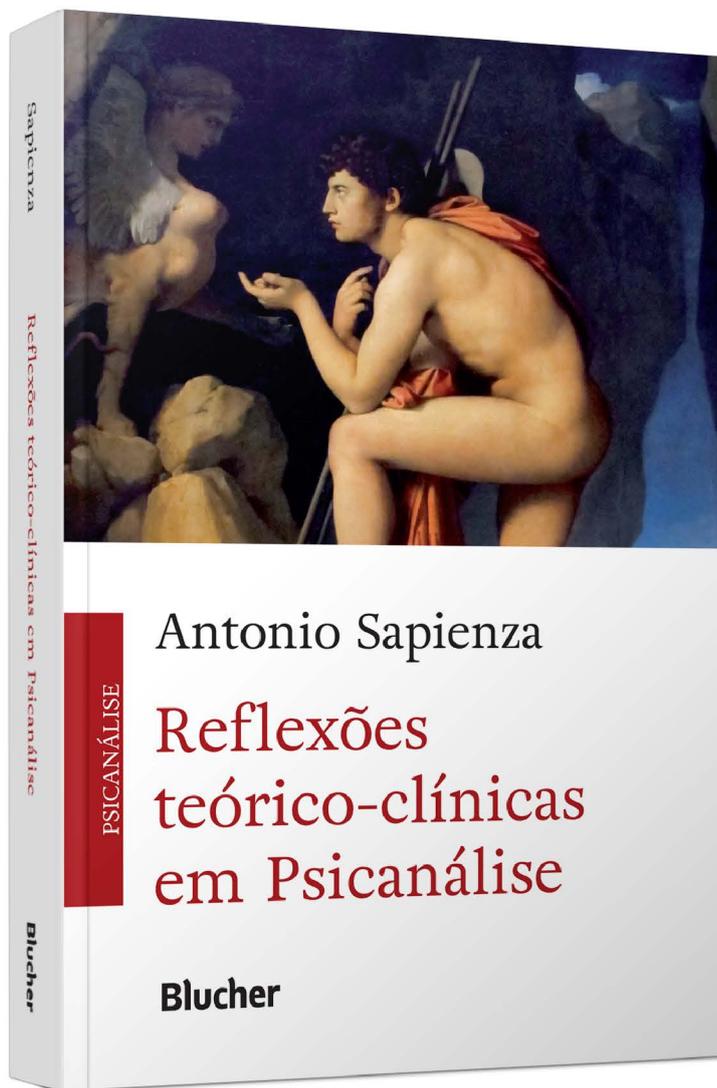
ISBN 978-85-212-1094-8



9 788521 210948

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

Reflexões Teórico-Clínicas em Psicanálise

Antonio Sapienza

ISBN: 9788521210948

Páginas: 460

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2016

Peso: 0.505 kg
